

Plano de Trabalho

Das idéias de *natureza e cultura* mediante o prolongamento entre a filosofia e a literatura em escritos de Rousseau.

Marlene de Souza Dozol

Plano de Trabalho submetido ao CNPq como requisito para obtenção de Bolsa de Pós-Doutorado Sênior (PDS).

Florianópolis, fevereiro de 2012.

Do prolongamento entre a filosofia e a literatura em escritos de Rousseau.

Caracterização do problema:

O presente plano de estudo tem como interesse mais amplo o prolongamento entre a filosofia e a literatura na obra do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau.

Qual seria o valor heurístico de tal prolongamento quando se quer interpretar uma modalidade de escrita que mescla, sem cerimônia, o que é e o que deve ser, a história e a ficção, a realidade e o sonho? E mais especificamente, uma prosa que incorpora elementos poéticos na qual o formal e o emotivo, o conceitual e o metafórico, a filosofia e a retórica desaguam numa fusão surpreendente?

Essa, a pergunta matriz da qual emerge o tema a ser privilegiado nesse estudo, a saber: o das relações entre *natureza* e *cultura* mediante o registro que por hora se anuncia.

Vejamos, então, de que modo articulam-se o interesse mais amplo e o tema referidos.

Em que pese os esforços de Rousseau em definir a *natureza*, e particularmente a *natureza humana*, para então extrair daí a utopia política e pedagógica que nos dá a conhecer em seus escritos não há, contudo, um rigor, de sua parte, no uso da palavra *natureza*¹.

Na verdade, segundo Pierre Burgelin (1969), Jean-Jacques Rousseau não se liga a nenhuma definição. Burgelin sugere que a voz da natureza, em Rousseau, é, ao mesmo tempo, composta de trevas e de luzes; é poder, convite, germe, floração; vai das funções psicológicas à consciência moral, inclui e exclui a sociabilidade, o capricho sexual e o amor conjugal, ela exclui ciência e reflexão mas apela à razão; designa a campanha verdejante e seu autor; liga-se à bondade e torna-se estranhamente enigmática.

¹ Importa considerar aqui o lugar ocupado pela idéia de natureza na vida intelectual do Século XVIII. De início, seu uso aplica-se a um vasto domínio que vai da imensidão do mundo físico até os confins do mundo intelectual e moral. Depois, para a decepção dos intelectuais iluministas, o conceito não é de modo algum claro, e segundo Paul Hazard, não há nem mesmo um consenso quanto ao seu entendimento. (1934; 1983).

Ainda que aparentemente clara no feitiço de uma conjectura ou experimento mental que sugere uma bondade primordial a ser desdobrada ética e politicamente através de um legítimo processo de socialização (o qual caberá à educação) – chaves para a compreensão da antropologia e da arquitetura social de Rousseau – a idéia de *natureza*, a julgar por suas obras de pensamento com feições notadamente literárias, não nos oferece ângulos tão seguros semanticamente. Que se pense em *Júlia ou A Nova Heloísa*, até mesmo em muitas das passagens de *Emílio*, em *Confissões* e nos *Devaneios do Caminhante Solitário*.

Tais escritos evocam a sensibilidade lírica e original de Rousseau que, se de um lado não ignora a energia primitiva elementar da paixão, de outro, convoca a razão e a vontade para a virtude, sempre orquestradas por movimentos ao mesmo tempo promissores e incertos de um “eu” a procura de si mesmo.

Os meneios interpretativos exigidos pela escrita rousseauiana tornam-se ainda mais trabalhosos mediante a intrincada relação que procura estabelecer entre a *natureza* e a *cultura*. Principalmente se considerarmos que, para o pensador, a *cultura* aparece, e ao mesmo tempo, como fonte de corrupção e de redenção.

Talvez esta simultaneidade de direções - que aparece em ambos os conceitos - explique parte da dificuldade que sentimos na tentativa de capturar a fina teia que sustenta os pensamentos de Rousseau.

De fato, tanto o termo *natureza* quanto a idéia de *cultura*, a depender do sentido que adquirem ao serem nomeados – e, já o disse, nem sempre tornado claro pelo autor - são carregados da ambivalência característica de sua escrita ensaística, de uma filosofia que poderíamos adjetivar de “caminhante”: ora se excluem, ora se fundem. Ou melhor, sofrem metamorfoses.

Natureza e *cultura* humanas encontram-se liquefeitas se movidas por uma harmonia entre “o que vem de dentro” (*natureza*) e “o que vem de fora” (*cultura*), em benefício de demarcados fins, dentre eles a superação das contradições humanas e a construção da sociedade ideal paralelamente aos limites da história; ao contrário, excluem-se, quando associadas a processos ilegítimos de socialização, fabricantes do homem cindido entre seus desejos e os deveres. Ainda assim, mesmo que essa distinção ofereça uma relativa

clareza quanto a esta relação, permanece a fertilidade da aparente falta de rigor no emprego de ambas as forças compositivas da condição humana. Senão, vejamos.

Primeiramente, a *cultura* aparece como assunção da própria natureza – nesse caso, desdobrada numa rica e ordenada paisagem interior, numa espécie de conteúdo da própria consciência, fruto de uma arte formativa que não aparece. Arte essa que encontramos no modo ritmado das descrições que aparecem nas cartas da *Nova Heloísa*: os heróis contam com a natureza física como cúmplice, a ponto de o autor fazer dela o conteúdo da própria consciência; a estética da composição de "... uma bela ordem de conjunto, que indica a harmonia das partes e a unidade de intenção do organizador" ² acompanha-nos durante todo o tempo em que estamos absorvidos por estes escritos. Aqui e ali, dos detalhes cotidianos - as descrições dos cômodos da casa e seus objetos, os afazeres domésticos, o jardim à moda inglesa e os passeios, a graça dos movimentos e dos gestos de Júlia - aos mais elevados princípios morais, nada é fruto do acaso, mas de um arranjo silencioso, de uma "feitura", resultado de uma ação humana que não desorganiza ou agride o todo, mas o sente, o compreende, o desdobra e o preserva.

Num segundo momento, a idéia de *cultura* surge como força que se opõe à *natureza*, como o não reconhecimento das projeções hipotéticas desse estado; como impeditivo do espetáculo que oferecem as paisagens natural e humana em suas potências virtuais (ver o estilo do paisagismo que determina a confecção e a direção do "Eliseu" e os princípios da "educação negativa" que orienta a educação dos filhos de Júlia e de M. de Wolmar, em a *Nova Heloísa*).

Tanto na pequena região de Vaud – região suíça que abriga a pequena comunidade-cenário para o romance supracitado - quanto nos prados nos quais cresce *Emílio* e, principalmente, nos *Devaneios do Caminhante Solitário*, o convite de Rousseau parece ser o de abandonar o universo da cultura, que associa ao da maldade, à máscara ou, com Jean Starobinsky, ao obstáculo à transparência ³.

² Palavras de Saint-Preux quando se refere, na Carta II da Quinta Parte, à organização familiar e doméstica dos Wolmar (1994, p. 473).

³ Convém lembrar, juntamente com Prado Júnior, que a virtude da botânica - que o velho filósofo nos dá a conhecer na Sétima Caminhada dos Devaneios- é a de propiciar uma

Este “desconforto” com a *cultura*, componente frequente do espírito dos textos rousseunianos desde o *Primeiro Discurso* e esplendidamente metaforizado pela estátua de Glauco naquele sobre a origem das desigualdades entre os homens, orienta sua crítica à cultura e ao sistema de educação vigente em seu tempo.

A discussão em torno das promissoras e tensas relações entre *natureza* e *cultura* propõe um problema filosófico da maior relevância e que toca, profundamente, aquele da formação humana: o de estabelecer um equilíbrio possível, por uma sofisticada dialética, entre o “ponto de dentro” (*natureza*) e o “ponto de fora” (*cultura*), ponderando ainda que, em se tratando de experiência humana, ambos inexistem em sua forma pura.

Dada a exigência de certos cuidados no que concerne ao texto rousseuniano e às relações em foco, a aposta que direciona o presente plano reside no já anunciado prolongamento operado por Rousseau entre os gêneros filosófico e literário (veremos mais adiante que também imagético), condição para sentir e compreender toda a riqueza poética e semântica neles envolvidas.

Não fosse assim – por uma filosofia costurada pelos artifícios literários e/ou retóricos e por uma “pintura com palavras” - como expressar, por exemplo, a idéia de uma *natureza humana* primordialmente boa sem recorrer à experiência imediata ou como sendo tudo aquilo que vem antes do hábito? Arquitetar um modelo de sociedade que reúne forças paradoxais, a da história, de um lado, e a da conjectura de um “antes” que se assemelha, por vezes, à nostalgia de um paraíso perdido, de outro? Esboçar uma educação que busque eliminar as contradições humanas mediante o enlace fraterno entre natureza e sociedade ou natureza e cultura, pares, a primeira vista, antitéticos? Imaginar um pedagogia capaz de se pautar pelos princípios de uma educação negativa ou de “uma não-educação”? E, ao fazer isso, esgueirar-se por linhas que podem livrá-lo das acusações de primitivista, de romântico ingênuo, de gênio totalitário ou ainda de espontaneísta quanto à educação de Emílio?

experiência da verdade e, portanto, do repouso e da inexistência de um outro ameaçador (2008); a botânica seria, assim, anti-humanista (idem).

O que está em jogo aqui é o que Prado Jr. chamou - ao apontar Rousseau como crítico da idéia de gênero - de *costura entre o sensível e o inteligível*, na tentativa de lograr interpretações possíveis.

A exploração dessa *costura* irá implicar numa incursão sobre a teoria da linguagem que explica e fundamenta o prolongamento rousseauiano entre os gêneros, sobre a grande margem de interpretação que oferecem os textos de Rousseau, em oposição à mera comunicação - como bem assinalado por Franklin de Mattos na “Apresentação” do livro *A retórica de Rousseau*, de Bento Prado Jr. (2008) - e ainda sobre a discussão em torno dos limites da própria filosofia tal como a tradição metafísica a entendeu em seu modo conceitual de produção e expressão. Perguntar, junto a Jean-Michel Rey (1994), “se a verdadeira filosofia não seria aquela que se produz através de uma crítica radical do que existe sob o próprio nome” (p. 151), esclarece um pouco dessa última questão.

Não é demais lembrar que, em Rousseau, tudo isso não constitui apenas uma estratégia para nos colocar mais próximos de uma idéia, mas, sobretudo, porque permite o trânsito por canais que não eliminam as recorrências da sensibilidade . Ou melhor, para Rousseau, o que está no plano do sensível e do sentimento está no plano da compreensão inteligível e vice-versa. Ambos os planos são, pois, interdependentes.

Como já sugeri, a escrita literária e filosófica de Rousseau é, por vezes, “pictórica”, oferecendo-nos as idéias ou relações sob a forma de imagens ou paisagens que se “movimentam”. Ou seja, o que o escritor desenha na retina e canta nos ouvidos do leitor/intérprete – herdeiro que foi do aedo e do mestre sofista - é capaz de conectar-se com as estratégias mentais e linguísticas não apenas de apropriação de um dado conteúdo, mas de *experiência*, ainda que indireta porque “vívda” pela escrita. Então, desse ângulo , qual seja, o da imagem que ganha contornos e cores através da filosofia e da literatura, o que Rousseau nos oferece, ao fim, é uma *experiência intelectual, sentimental e visual do conceito*.

Há ainda uma outra particularidade a ser observada na escrita rousseauiana : nas pontes solidárias que estabelece entre os gêneros, parece atribuir ao *detalhe* ou ao *menor* um lugar em suas composições.

Que lugar seria esse? É possível, então, aliar às questões iniciais, essa outra: a de indagar se Rousseau, através da filosofia e de suas imagens literárias, exploraria as possibilidades heurísticas das “menores pegadas” no que diz respeito às relações procuradas.

Noutras palavras, de que modo operaria Rousseau o trânsito entre as questões de grande alcance – aspiração de sua filosofia geral - e os pequenos e delicados arranjos que faz para tornar menos inexata a expressão do seu pensamento e provocar no leitor uma sensação de um “não sei quê” que não é dito e que, apesar disso, “circula”.

Trata-se, então, do exame dos escritos de Jean-Jacques Rousseau não mais na condição de co-partícipes de uma obra sistemática e coerente que alia política, moral e educação em busca de uma sociedade ideal – como, de fato, o são - mas do ponto de vista daquilo que habita, despretensiosamente, as margens do rio caudaloso que é a própria filosofia rousseauiana.

O exercício é, pois, o de “ampliar o menor”, ou seja, o de atribuir significados às matérias (aparentemente) insignificantes como estratégia de aproximação da idéia de *natureza* e de suas relações com a *cultura*.

Nessa direção, porque não perguntar sobre a força do *detalhe* ou da *minúcia* para expressar uma estética existencial que plasticamente pode ser traduzida pela descrição do interior e exterior da casa dos Wolmar em *A Nova Heloísa*; pelas roupas, adornos, modos e principalmente os gestos de Sofia, que nos dá a conhecer no último livro do *Emílio*; ou ainda quando nos conta sobre suas atividades botânicas num dos passeios que encontramos nos *Devaneios*: ao contemplar uma amostra de determinada espécie vegetal remete-nos ao seu *Ensaio sobre a Origem das Línguas* ou, se quisermos, sobre a linguagem que vem antes da linguagem arbitrária, convencional e distante das emoções e dos sentimentos?

E assim desponta uma outra aposta para o presente trabalho: junto às pulsões vitais profundas que motivam o texto e às correntes culturais ativas que o informam, o *menor* como categoria analítica para capturar a graça volátil que se “esparge” por muitas das passagens dos escritos de Rousseau.

Que passagens seriam essas e de que maneira ilustram a força filosófica, literária e pictórica, todas condensadas em uma espécie de extrato formativo/auto-formativo, fornecido por essas “menores pegadas”? De que

modo contribuem para revelar ou esconder os sentidos possíveis daquilo que “dá a pensar”? Por que caminhos “invisíveis” doam um “tom” ou um “espírito” ao texto?

Ao “corpo” do texto rousseauiano, junta-se, desse modo, um elemento “etéreo”, difícil de deter e de dizer porque sugere e não define. Porque mesmo que se pareça com “o nada”, adorna o tipo de experiência que “ali” se desenrola. É o que passeia pelas “franjas” do texto sem se fazer notado. O que espera Rousseau do seu leitor? “Simplesmente” que o sinta e o compreenda.

Herdeiro mais tímido da exuberância de uma obra que se propõe a perscrutar sobre um problema universal e permanente, qual seja, o da felicidade do gênero humano, envolvendo todas as modalidades de práticas humanas, este segundo elemento carrega um tipo de beleza que muito longe está do invariável ou eterno e da experiência do Sublime, é certo. Ao contrário, pode ser visto através de um exercício que procura os segredos sob a aparência do banal ou ainda as perguntas que geram em sua forma silenciosa e discreta de proteger o fluxo subjetivo da experiência e das impressões.

A título de ilustração, caberia indagar sobre o lugar que o *silêncio* ocupa na disposição daquilo que habita as margens do texto rousseauiano. Sem “fabricá-lo”, como poderia o autor fazer seu leitor sentir a atmosfera da sala de estar dos Wolmar e, ao associá-la com a “Ordem” – mesmo marcada pelo signo da provisoriedade – desejar carregá-la dentro de si mesmo? Ou “experimentar” o deslizar de Rousseau na macia superfície do lago de Bienne provando o gosto, pelo menos no “agora”, de uma existência plena?

A pergunta sobre a manifestação do silêncio nas letras rousseauianas não é gratuita. A cumplicidade entre o silêncio, os sentidos ou as sensações e as coisas oferece uma oportunidade para pensar sobre o potencial auto-formativo daquilo que não possui realidade gramatical mas, apesar disso, propaga-se, cumprindo seus efeitos de modo oblíquo, o que problematiza sobremaneira as relações entre *natureza e cultura*.

Mas voltemos a nos perguntar, de maneira geral, sobre o feitio desse “Eros” que encontramos sobrevoando aqui e ali – nos passeios, no jardim, nos cômodos da casa, na “montagem” de suas figuras femininas, numa conversa ou refeição, numa planta ... - a escrita de Rousseau.

No *Banquete*, Agatão compara “Eros” à Deusa Atê, a de pés delicados, que não anda sobre o solo, mas sobre a cabeça dos homens. É o Deus mais jovem, mais belo e mais feliz, que rege as relações de superfície. Para tocarem ou serem tocados por Ele, os homens precisam ser brandos, pois é sobre estes que consente andar e residir. Se assim não for, foge ...

Esse elogio a “Eros”, feito pelo poeta, ao negar a conversão socrático-platônica com a qual nos encontraremos no discurso de Sócrates mais adiante, parece “inaugurar” o que chamei, em outro trabalho, de “poética da superfície”.

Assim como em Agatão, haveria também uma “poética da superfície” em Rousseau? Se sim, de que “matéria” é feita esse tipo específico de “energia” que observamos em muitos momentos de sua escrita? Por quais artifícios de linguagem o filósofo-artista daria conta de tal poética? Que lugar ocupam na “estranha indústria” de “dizer” a *natureza* e, ao “dizê-la”, propor as relações com a *cultura*?

Em síntese, numa combinação entre filosofia e literatura (que, por vezes, é capaz de produzir imagens em cores e em movimento), trata-se de especular sobre as relações entre *natureza* e *cultura*, incluindo-se o modo indireto pelo qual incidem força formativas e auto-formativas menos óbvias através da combinação de elementos marginais de referências. Por muitas razões que não cabem ser explicitadas nesse momento, fomos desacostumados à multiplicidade da linguagem filosófica, ao que está próximo e ao que habita ou passa pelas margens. O efeito mais perverso que podemos apontar quanto a isso é o da ilusão de que já o sabemos, o que nos leva, sem nos darmos conta, a perdas irreparáveis.

Objetivos:

Verificar o prolongamento entre filosofia e literatura operado por Rousseau ao tratar, em seus escritos, o tema das relações entre natureza e cultura.

Investigar o lugar ocupado pelo “menor” em interpretações e arranjos filosófico-literários rousseauianos em torno das idéias de natureza e cultura.

Metodologia:

Para levarmos a termo a investigação inscrita no presente plano de estudos, adotar-se-á procedimentos metodológicos inspirados em alguns dos pressupostos da filosofia hermenêutica, procurando seguir os passos que compõem uma pesquisa analítica de textos clássicos da filosofia e literatura: leitura, análise e interpretação.

De exegese de textos sagrados ou profanos, passando pela criação de técnicas de acordo com outras modalidades específicas de textos, assume-se, com Schleiermacher - e adjetivada de ‘compreensiva’ - , enquanto *arte e técnica de interpretação*, como maneira de as ciências humanas (ou do espírito, ou ainda, histórico-filológica) se oporem ao método das ciências naturais.

Hoje, a partir de ressonâncias e efeitos da filosofia de Schleiermacher, a hermenêutica filosófica contemporânea se reconhece como uma tradição marcada pelas presenças de M. Heidegger, H-G Gadamer, P. Ricoeur e E. Betti, entre outros, sempre, é claro, marcada pelas especificidades inerentes a cada pensamento.

Gadamer (1998) abre sua obra maior, *Verdade e Método*, com palavras que, ao longo do texto, tecem o conceito de hermenêutica como “fenômeno da compreensão e da maneira correta de se interpretar” (p.31).

Nesta formulação, aparentemente simples, o sentido da hermenêutica é lançado como um jogo de abertura ao outro, necessário ao interpretar de um texto, de uma obra de arte, de um acontecimento. Não há interpretação sem o

compreender e não há o compreender sem uma pré-compreensão, o que revela presença de uma estrutura circular no movimento da compreensão. Logo, vale lembrar as palavras de Gadamer como uma apresentação da intencionalidade primeira da pesquisa que assume o lugar do hermeneuta do mundo: “quem quiser compreender um texto realiza sempre um projetar” (p.402) no qual, efetivamente, se combinam pergunta e resposta pelo sentido das coisas. E mais:

O que se exige é simplesmente a abertura à opinião do outro ou à do texto (...). A tarefa hermenêutica se converte por si mesma num questionamento pautado na coisa, e já se encontra sempre determinada por este (...). Quem quer compreender um texto, em princípio, deve estar disposto a deixar que ele diga alguma coisa por si. Por isso, uma consciência formada hermeneuticamente tem que se mostrar receptiva, desde o princípio, para a alteridade do texto. (pp. 404-405)

Lembramos, também, que o horizonte interpretativo no qual se move a reflexão hermenêutica é um horizonte filosófico e histórico pós-metafísico, justamente pela influência que recebe da perspectiva heideggeriana do *Dasein* (1995; 2003), no qual o *aí (Da)* – o lugar de onde se fala – imprime à condição humana uma necessária territorialidade, um mundo, uma cultura, logo, uma situação hermenêutica, onde o acontecimento e a mundanidade tem o seu lugar.

A situação hermenêutica, enquanto lugar de onde se fala, traz a historicidade de cada um como o algo que nos impregna de modo ontológico e universal, porquanto não há ser humano que não se constitui de algum modo, ser no mundo. Estamos desde já no mundo e é a partir desse *estar-com* o mundo que realizamos experiências de pensamento.

As “experiências de pensamento” que o presente plano pretende realizar, além de pressupostos mais gerais orientadores, exigem outros aportes

de natureza metodológica relacionados diretamente ao texto especificamente literário.

Segundo Bosi (1998), na invenção de um texto, além das pulsões vitais profundas que o motivam, estão as correntes culturais ativas que o informam. Sendo assim, valores ideológicos, padrões de gosto e modelos de desempenho formal atuam como forças invisíveis de composição. Daí que ler seja diferente de interpretar, uma vez que a gênese psíquica e social do texto não aparece. Desse modo, o “intérprete está diante do efeito verbal e estilizado de um processo que é sinuoso e, não raro, obscuro para o seu próprio criador” (p. 278). É preciso, pois, evitar dois equívocos relativamente comuns na interpretação da obra literária: o “de fabricar hermenêuticas mais herméticas que o texto fonte” (idem) e o de não considerar as várias forças em presença tomando a parte como representativa do todo.

Como antídoto a tais equívocos, Bosi sugere dois conceitos mediadores ou auxiliares na tarefa do intérprete: a “perspectiva” e o “tom”. A primeira desvenda o “inteligível cultural da mensagem artística” (p. 279), ou seja, de que lugar e com qual formação/experiência social sente, pensa e escreve o autor; o segundo refere-se às modalidades afetivas de expressão, ou melhor, ao “espírito” do texto.⁴

Assim, mais que a narrativa em si, interessa ao intérprete aquilo que a funda e a ultrapassa. É necessário, então, escavar, sob o signo da ambivalência, o explícito e o implícito, o que se revela e o que se oculta. Isso indica um movimento dialético entre, nas palavras de Gadamer, “afastamento” e “participação” (1977), ou seja, simultaneamente “escapar” e “sucumbir” ao texto. A primeira ação para orientar o trabalho de interpretação que, por sua vez, não se completa sem o “deixar-se levar” pelo calor e pela beleza da obra.

Tal cuidado encontra ecos no alerta de Antônio Cândido (2000) quanto ao difícil movimento entre o condicionamento social da obra literária e a sua liberdade ou autonomia estética. Para interpretá-la e senti-la em sua integridade convém não adotar nenhuma dessas visões dissociadas. Assim,

⁴ Para uma melhor compreensão, o autor ilustra o conceito de “perspectiva” da seguinte maneira: aristocrática, burguesa ou popular? Religiosa ou leiga? Barroca, neoclássica ou romântica? ... ; já o conceito de “tom” é assim exemplificado: patético? Elegíaco? Fúnebre? Festivo? Idílico? Irônico? Etc.

texto e contexto, criação artística e dimensão social são o “fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo” (p. 8).

Quanto a esse complexo movimento, o autor lembra a relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade. Caso exemplar dessa relação são os escritos filosófico-literários de Rousseau que, como já comentado, operam através de uma ruptura de gênero onde as fronteiras entre a realidade e a ficção aparecem como que “borradas”. Seus escritos recorrem à realidade ou história e à imaginação as quais, segundo Arrigucci Júnior (1987), citando Coleridge, atua como força plasmadora ou estruturadora capaz de unir, dar forma concreta à matéria heterogênea, dispersa e difusa do passado e, eu acrescentaria, à da próprio presente, para o caso do autor em foco.

De qualquer forma, parece ser um consenso entre os meandros da crítica literária, a relevância das pontes solidárias entre literatura e realidade ou sociedade. O que ocorre, em outras palavras, é um movimento caracterizado pela reciprocidade entre um determinado processo histórico e a esfera criativa, ou até mesmo autobiográfica do escritor, onde uma espécie de “chão social” sustenta uma experiência pessoal direta, suas manifestações singulares e imaginárias, dando corpo a uma narrativa poética e ramificada, como é o caso de Rousseau.

Feitas as considerações metodológicas de caráter mais geral e as de natureza mais específica, gostaria de salientar que as mesmas – ainda que ofereçam um certo suporte quanto ao trabalho a ser feito e aos cuidados a serem tomados quando se trata da interpretação de textos filosóficos e literários – não são suficientes mediante às exigências do texto filosófico-literário especificamente rousseaniano.

Tais exigências agravam-se ainda mais se forem consideradas as questões que aqui trago para me ocupar: o prolongamento operado por Rousseau entre filosofia e literatura e as idéias de natureza e cultura mediante às “menores pegadas” de sua filosofia, conforme já esclarecido na caracterização do problema.

Para melhor esclarecer os limites do que expus em termos metodológicos e ampliar os horizontes estratégicos de pesquisa – não no sentido de uma contraposição ao já dito, mas de uma continuidade adequada

às especificidades dos textos em questão - tomo de empréstimo as palavras de Franklin de Mattos (2008):

Ao negar a função representativa da linguagem, Rousseau contesta igualmente seu poder de *comunicação*, deixando em primeiro plano a idéia de *interpretação*. Assim como a linguagem só alcança a natureza renunciando a uma figuração direta, só rejeitando a comunicação igualmente direta ela estabelece uma comunicação entre os homens. Com efeito, a vontade de comunicação é da ordem da necessidade, não da paixão, supõe a *clareza*, não a *energia*. Ora, se a linguagem é forte apenas quando recusa a representar, é imitativa somente quando não busca a comunicação acima de tudo, exigindo do receptor um esforço de interpretação. E interpretar significa aqui abrir e para si um espaço de recepção à manifestação da força, uma disposição que está aquém de toda gramaticalidade. (p. 23).

Penso que a maior dificuldade será a de capturar a “energia” da escrita filosófico-literária de Rousseau e *dizê-la*. Para tanto, apostemos na idéia de que para um pensamento “caminhante” de par com a arte, nada mais apropriado que uma metodologia que, em parceria com procedimentos relativamente usuais, se permita também “itinerante” e criativa.

Em termos de procedimentos, toda atenção será dada à revisão da literatura referente ao interesse mais amplo e ao tema já explicitados: do prolongamento entre filosofia e literatura (teoria da linguagem e retórica) e das idéias de *natureza* e *cultura* (no Século XVIII e na obra de Rousseau).

Faz-se necessária ainda uma revisão da obra de Rousseau, particularmente daqueles escritos de feição marcadamente filosófico-literária: *Júlia ou A Nova Heloísa*, partes do *Emílio*, *Confissões* e *Devaneios do Caminhante Solitário*. Nesta revisão serão selecionadas passagens que evocam ou sugerem o interesse e o tema, não apenas com a função de ilustrá-los mas também a de “fermentar” a teorização sobre os mesmos diante das referências já existentes e encontradas na primeira etapa do trabalho.

Resultados esperados:

A expectativa é que resulte, ao final desse estágio de um ano, pelo menos um *paper* e um artigo. O *paper*, a ser encaminhado para apresentação em algum encontro ou seminário de âmbito nacional ou internacional, tratará de comunicar meus propósitos de pesquisa e dos resultados parciais já obtidos durante a realização desse plano de estudo. O artigo, a ser submetido para avaliação com o objetivo de publicação em periódico nacional conceituado, envolverá o prolongamento, operado por Rousseau, entre filosofia e literatura no tratamento que dá às idéias de *natureza* e *cultura*, indagando, ao mesmo tempo, sobre o papel que as referências “menores” ou “marginais” ocupam nos escritos filosófico-literários rousseauianos para tornar menos inexato o pensamento do autor no que diz respeito às idéias referidas. Este artigo poderá incorporar novas perguntas e novos direcionamentos em torno do tema a ser examinado durante o estágio pós-doutoral.

A médio e longo prazo, além de um intercâmbio institucional entre o Departamento de Estudos Especializados em Educação e o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC e o Departamento de Filosofia da USP, a continuidade da pesquisa na volta à UFSC, envolvendo bolsistas e orientandos, possibilitará a formação acadêmica de novos pesquisadores e a produção de novos artigos e apresentações de trabalhos em congressos. Soma-se a isso o incremento das relações já existentes entre os professores pesquisadores que compõe a Linha de Pesquisa “Filosofia da Educação”/EED/PPGE/UFSC – a qual coordeno - e os professores do Departamento e de Pós-Graduação em Filosofia/UFSC, na expectativa de projetos conjuntos.

Além disso, o propósito é também o de qualificar minha inserção na linha de pesquisa (“Filosofia da Educação”) e nos Grupos de Pesquisa - a serem indicados no item seguinte desse plano - contribuindo para seu fortalecimento (GIP – Rousseau) e consolidação (GRAFIA).

Cabe mencionar também que ao longo do período do estágio pós-doutoral tenho a intenção de, além de discutir o avanço da pesquisa com o

supervisor , outros professores e alunos, participar como ouvinte de algumas disciplinas que trabalhem com temas envolvidos na pesquisa, de forma a aproveitar melhor o período de estudos. Certamente o esforço a ser empreendido durante este período produzirá frutos também em meu futuro trabalho docente.

Considerações finais:

Desde o ano de 1997 venho me dedicando à obra do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau.

Como resultado de minha tese de doutorado está o livro *Da figura do mestre*⁵, cuja segunda parte traz um ensaio sobre o preceptor de Emílio examinado mediante as categorias de *formação*, *autoridade* e *sedução* frente ao desafio de uma definição filosófico-poética de *infância* - e, até certo ponto, desconcertante para os ouvidos do século XVIII - que Rousseau (1992) nos dá a conhecer em seu famoso tratado de educação: “ ... a infância é o sono da razão”(p.98).

Num segundo livro⁶ apresento a obra de Rousseau para iniciantes, bem como suas contribuições para o campo filosófico-educacional.

Ambos os livros são significativamente representativos de uma trajetória que venho fazendo em termos de pesquisa acadêmica que abriga, em reciprocidade, dois campos de conhecimento: o da filosofia e o da educação.

Simultaneamente aos estudos que privilegiam unicamente Rousseau e sua obra, venho realizando outros estudos exploratórios em torno do tema das relações entre filosofia, literatura e educação, alguns deles incluindo passagens

⁵ DOZOL, Marlene de Souza. *Da figura do mestre*. EDUSP e Autores Associados, 2003. O livro é composto de dois ensaios: o primeiro sobre a figura do mestre e o segundo sobre o preceptor de Emílio.

⁶ DOZOL, Marlene de Souza. *Rousseau – Educação: a máscara e o rosto*. Editora Vozes, 2006. O livro faz parte da Coleção “Educação e Conhecimento”.

do próprio Rousseau, incorporadas ao corpo de textos que convidam outros filósofos e escritores⁷ a “pensar” sobre as ditas relações.

Tais interesses de pesquisa têm encontrado, em âmbito interinstitucional, uma interlocução privilegiada no Grupo Interdisciplinar de Pesquisa Jean-Jacques Rousseau – GIP Rousseau, criado em 1999 por José Oscar de Almeida Marques (Coordenador) e Bento Prado Júnior e do qual faço parte como pesquisadora. Segundo seus líderes, “o Grupo conta com a participação de especialistas das áreas de Filosofia, Letras e Educação e investiga, numa abordagem essencialmente interdisciplinar, as diversas vertentes da obra e do pensamento de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), estudando suas implicações filosóficas, políticas, literárias e pedagógicas. Seus participantes provêm de diversas Universidades brasileiras, dando ao Grupo um traço caracteristicamente interinstitucional. O objetivo é contribuir para uma maior compreensão da importância de Rousseau no panorama cultural do séc. XVIII e da profunda influência que exerce até nossos dias.” (ver Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPQ).

Seguidas das publicações anteriores, estão as que se articulam diretamente com minha participação nos colóquios de repercussões nacionais e internacionais promovidos pelo referido Grupo e como resultado dessa inserção estão artigo e capítulos de livros publicados e no prelo, todos

⁷ DOZOL, Marlene de Souza. A face pedagógica de Eros. Revista Educação e Pesquisa / FEUSP, 2007. Nesse artigo exploro a idéia de “Eros” pedagógico que quero ampliar, em meu pós-doutorado, para aquele de natureza filosófico-literária.

DOZOL, Marlene de Souza. Memórias escolares: sem ressentimentos. Revista Educação e Realidade/ UFRGS, 2009. Um artigo sobre as memórias escolares do escritor mineiro Pedro da Silva Nava marcadas pelos signos do humor , da saudade e de um delicado sentimento de gratidão.

DOZOL, Marlene de Souza. O “deus’ das coisas pequenas. Poiesis , Cultura Acadêmica e Oficina Universitária/UNESP. Capítulo de livro que representou um primeiro exercício de enunciar o que chamei de “poética da superfície”. Ainda que em contexto marcadamente pedagógico, pois toma como mote uma cena de letramento que o escritor Graciliano Ramos vive em sua infância, estão ali as bases, inclusive com menções a Rousseau, para parte do estudo que pretendo fazer.

relativos, embrionariamente, ao tema das relações entre natureza e cultura em Rousseau⁸.

O que trago aqui, na forma de um plano de estudos para o pós-doutorado, articula-se a uma linha de pesquisa e a outro grupo de pesquisa, ambos vinculados a minha instituição de origem – Universidade Federal de Santa Catarina - e ao qual pertenço: Linha de pesquisa “Filosofia da Educação”/PPGE/UFSC e Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia da educação e Arte – GRAFIA, criado e registrado no Diretório do CNPQ no ano de 2008, por mim coordenado e que, atualmente, concentra esforços na investigação do tema das relações entre *natureza, cultura e formação humana*.

Ainda relacionado a este pleito encontra-se meu projeto de pesquisa “Do prolongamento entre a filosofia da educação e a literatura em escritos de Rousseau”, aprovado por meu departamento em 20 de setembro de 2011 por um período de três anos.

Feitas estas considerações finais, acredito reunir as condições necessárias para pleitear uma bolsa para realizar meu Pós-Doutorado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no Departamento de Filosofia, sob a supervisão do Professor Titular Luiz Fernando Franklin de Matos, com significativa produção na área de filosofia e nos seguintes temas: estética, arte, riso, teatro e romance. Autor de “O filósofo e o comediante – Ensaio sobre literatura e filosofia na Ilustração”, de “A cadeia secreta - Diderot e o romance filosófico”, organizador e

⁸ DOZOL, Marlene de Souza. A natureza e a educação na prosa poética de Rousseau. Discurso Editorial/EDUSP e Editora Barcarolla/SP e, 2011. Capítulo de livro, fruto de minha participação no IV Colóquio Nacional Rousseau/Londrina, que examina a idéia de natureza e sua relação com a educação mais detidamente em duas cartas da *Nova Heloísa*.

DOZOL, Marlene de Souza. Da natureza e da densidade do humano na pedagogia de Rousseau. Artigo no prelo a ser publicado pela Revista Educação e Filosofia / UFU/MG. Fruto de minha apresentação na I Jornada de Estudos Jean-Jacques Rousseau / FFLCH/USP, este artigo versa sobre o debate epistemológico que se travou no século XVIII e o lugar ocupado por Rousseau em tal debate.

DOZOL, Marlene de Souza Dozol. J.J. Rousseau por entre filosofia da educação e imagens literárias. Artigo selecionado para compor o livro resultante do V Colóquio Nacional Rousseau/Aracaju/Sergipe que trata do prolongamento entre filosofia e literatura operado por Rousseau.

apresentador do livro “A retórica de Rousseau e outros ensaios”, de Bento Prado Júnior, atualmente é membro Colaborador da edição do Tricentenário Ouvres Complètes de Jean-Jacques Rousseau – Editions Classiques Garnier. Por essas e demais credenciais a serem verificadas em seu currículo penso que é o supervisor ideal para orientar-me no cumprimento do plano de estudos que aqui apresentei.

Bibliografia:

ARRICUCCI JÚNIOR, Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BOSI, Alfredo. *Céu, inferno – Ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988.

BURGELIN, P. *Émile ou D'Éducation - Introductions*. In: *Ouvres Complètes - Émile*. Paris, Pléiade, 1969.

GADAMER, H. G. *Verdad y método*. Salamanca: Sígueme, 1977.

GADAMER, H-G. *Verdade e método*. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1998.

HAZARD, P. (1934). *Crise da consciência europeia*. Lisboa: Edições Cosmos, 1934.

HAZARD, P. *O pensamento europeu do século XVIII*. Lisboa, Editorial Presença, 1983.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo (I)*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1995.

HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Traducción, prólogo y notas de Jorge Eduardo Rivera C. Madrid: Editorial Trotta, 2003.

MATTOS, Franklin. Apresentação – A força da linguagem e a linguagem da força. In: PRADO JR. *A retórica de Rousseau e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

- MELLO e SOUZA, Antonio Cândido. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.
- PLATÃO. O Banquete. In: *Diálogos – O Banquete, Fédon, Sofista e Político*. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1983.
- PRADO JR., Bento. *A retórica de Rousseau e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- REY, Jean-Michel. Valéry – Os exercícios do espírito. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Artepensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROUSSEAU, J-J. Discurso sobre as ciências e as artes. In: *Rousseau. Obras*. Plano, Introdução e Notas de Paul Arbousse-Bastide e Revisão Crítica e Notas Adicionais de Lourival Gomes Machado. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1958.
- ROUSSEAU, J-J. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: *Rousseau. Obras*. (Idem) Rio de Janeiro: Editora Globo, 1958.
- ROUSSEAU, J-J. Do contrato social. In: *Rousseau. Obras (I)*. (idem). Rio de Janeiro: Editora Globo, 1958.
- ROUSSEAU, J-J. Ensaio sobre a origem das línguas. In: *Rousseau. Obras (II)*. (Idem). Rio de Janeiro: Editora Globo, 1958.
- ROUSSEAU, J-J. *Júlia ou a Nova Heloísa*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. Campinas: Hucitec e Unicamp, 1994.
- ROUSSEAU, J-J. *Emílio ou da educação*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- ROUSSEAU, J-J. *As confissões*. Tradução de Rachel de Queiroz. São Paulo: Atenas, 1959.
- ROUSSEAU, J-J. *Os devaneios do caminhante solitário*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. Brasília: UNB, 1995.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. **Hermenêutica** - Arte e técnica da interpretação. Tradução de Celso Braidão. Petrópolis: Vozes, 1999.
- STAROBINSKY, J. *Jean-Jacques Rousseau - A transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.